

Yara Rondon Guasque Araujo

A cidade como um medium em McLuhan e Flusser

O enigmático texto de Flusser *Die Stadt als Wellental in der Bilderflut*¹ (1999b: 175-182), “A cidade como vale do fluxo de imagens”, foi escrito em 1988. Neste texto Flusser enfoca a cidade mais como uma rede de transações e fluxos de conhecimento desencadeados pelos encontros entre as pessoas, e menos como um local povoado de edificações. Seu texto sugere dessa maneira a cidade em sua conectividade como uma paisagem topográfica de relações intersubjetivas — mutuamente interdependentes, arraigadas na convivência com as imagens técnicas (*Technobilder*). Esta paisagem é formada principalmente pelos cruzamentos possibilitados pelas estruturas comunicativas. Mais do que pensar a cidade de hoje como localizada geograficamente, a leitura atualizada deste texto nos incita a considerarmos a vocação à conectividade da cidade-rede e da cidade-dispositivo e suas transformações.

A idéia de que a cidade seja um dispositivo, uma máquina social que cunha os indivíduos de acordo com as extensões que esta propicia, é devedora do termo máquina social de Deleuze e Guattari (1985). Mas poderíamos afirmar o reverso, o conceito de máquina social só ganha inteiramente inteligibilidade diante da reconsideração das reflexões seminais sobre os mídia feita por McLuhan em *Understanding Media, the Extension of Man* publicado em 1964. Muito do que encontramos em *Anti-Œdipus: Capitalism and Schizophrenia*, destes autores, como a indistinção entre ser orgânico e máquina, que é importante para explicar o gigantesco mecanismo que envolve o acoplamento indivíduo versus máquina social, já havia sido explicitado nas idéias de McLuhan: “Man becomes, as it were, the sex organs of the machine world, as the bee of the plant world, enabling it to fecundate and to evolve ever new forms” (McLuhan 1994: 46). Como também as afirmações de McLuhan de que o ser alimenta um mecanismo que por sua vez o molda: “Physiologically, man in the normal use of technology (or his variously extended body) is perpetually modified by it and in turn finds ever new ways of modifying his technology”

¹ O texto foi apresentado em 1989 no 4. *Kulturpädagogischen Tagung der Kulturpolitischen Gesellschaft*, um simpósio em Colônia, Alemanha, e publicado pela primeira vez em *Kulturlandschaft Stadt. Neue Urbanität und kulturelle Bildung*, Hagen, 1990.

(ibidem); e de que a língua molda socialmente tanto quanto a produção o faz: “linguistic media shape social development, as much as does the means of production” (ibidem: 49). O desenvolvimento de Flusser da cidade como um dispositivo poético, interconectado e que desencadeia um tipo específico de subjetividade, igualmente se ancora nas formulações de McLuhan, especificamente a da cidade como um medium. Sabemos que o livro *Understanding Media, the Extension of Man* de 1964 de McLuhan foi traduzido por Décio Pignatary para o português e publicado pela Perspectiva em 1969 sob o título *Os meios de comunicação com extensões do homem*². Décio Pignatari e irmãos Campos, Haroldo e Augusto, poetas concretos e responsáveis pela revista Noisgandres, cujo terceiro número de 1956 abordou a poesia concreta, pertenciam no Brasil ao círculo de amizade e de parceria intelectual de Flusser. Mesmo sem dados concretos que apontem para o fato de Flusser ter lido McLuhan em um idioma ou noutro, ou da oxigenação causada no meio intelectual paulistano pela publicação brasileira, se nos ativermos a seu texto veremos o quanto várias de suas idéias só ganham clareza quando relidas sob a ótica de McLuhan.

Ambientes artificialmente construídos e percepção sensorial

Em McLuhan em *Understanding Media* (1994) encontramos o desenvolvimento germinal de que toda tecnologia é uma extensão do homem, a linguagem, o vestuário, as habitações, os meios de comunicação, e inclusive as cidades. Para McLuhan (1968) o ambiente que criamos é nosso medium e é este medium que define nosso papel no ambiente. O ambiente tecnológico faz parte de nosso processo evolutivo e requer uma outra percepção (McLuhan 1968: 19). A Tv, o computador, tal como os ambientes artificialmente construídos, criam um dispositivo imersivo, modificando drasticamente a sensibilidade humana. O meio ambiente como extensão do homem passou a partir da metade do século XX a atuar como um sistema nervoso exterior ao crânio. Somos de acordo com McLuhan conscientes de que a tecnologia é uma de nossas extensões e pela primeira vez conscientes de que determinamos nosso devir.

Os vilarejos e as cidades como ambientes artificiais construídos pelo homem formavam pela proximidade física uma espécie de aglutinação e de organização que tinha o propósito de fornecer informação e proteção a seus habitantes. Nas considerações

² A versão deste livro em português usada neste texto foi a publicada pela Cultrix.

sobre os meios de transporte e vias de transporte como formas de comunicação McLuhan compreende que estas vias e meios transportavam informação que no passado acompanhava a velocidade do mensageiro. Com o surgimento de novas tecnologias de comunicação que permitem a troca de informação e o controle remoto, a distância entre as aglomerações urbanas e rurais foi minimizada. Por exemplo, para o telefone e a televisão, se o ponto de recepção se encontra na área de sua abrangência, não faz diferença a localização do ponto, se no perímetro urbano ou rural. Os meios eletrônicos computadorizados criaram uma malha diferente daquilo que até então era concebido como o centro da cidade e suas margens. Somente com o telégrafo pode a mensagem ser mais rápida do que o mensageiro. Estes fatos o fazem concluir de que estamos com a comunicação computadorizada diante de uma organização sem precedentes que torna obsoletos o espaço urbano e as vias de tráfego terrestre ou mesmo aéreo. “Metropolitan space is equally irrelevant for the telephone, the telegraph, the radio, and television. What the town planners call ‘the human scale’ in discussing ideal urban spaces is equally unrelated to these electric forms. Our electric extensions of ourselves simply by-pass space and time, and create problems of human involvement and organization for which there is no precedent” (McLuhan 1994: 104-105).

O vestuário, como uma espécie de armadura, e as habitações são extensões do corpo, mecanismos de controle térmico evitando a perda de energia em um ambiente natural. Após o vestuário ter atendido esta primeira necessidade as habitações propiciariam novas habilidades e aprendizagens. Analisando as sociedades mais primitivas e as mais desenvolvidas McLuhan nota a passagem do formato circular das habitações para o do quadrado. Esta passagem corresponderia à necessidade de racionalização dos meios e incorporação da tendência crescente da programação. McLuhan exemplifica como estes controles influenciam nossa percepção pela inserção da luz elétrica em nossa sociedade. A iluminação como extensão de nossas energias auxilia a programar ainda mais nosso ambiente para acomodá-lo às nossas necessidades sensoriais como a moda já evidenciara. Somos responsáveis pela programação de nosso ambiente e pela adaptação da vida sensória ao meio ambiente tecnologicamente em mutação que atua sobre nós.

O trabalho, o dinheiro e o próprio corpo integram o sistema de circulação de informação e do conhecimento programado. O trabalho não é mais um trabalho físico e sim conhecimento programado e a produção, produção informatizada de conhecimento.

Na tradução de Décio Pignatari, “à medida que o trabalho é substituído pelo puro movimento e circulação da informação, o dinheiro, enquanto depósito de trabalho, vai-se fundindo com as formas informacionais do crédito e do carnê” (McLuhan 1975: 161). “Automation, which is electronic, does not represent physical work so much as programmed knowledge. As work is replaced by the sheer movement of information, money as a store of work merges with the informational forms of credit and credit card. From coin to paper currency, and from currency to credit card there is a steady progression toward commercial exchange as the movement of information itself” (McLuhan 1994: 137).

O corpo já acostumado em suas extensões como a do vestuário, a da habitação, e a da cidade, propiciadas pelas tecnologias anteriores, quando inserido mais recentemente no sistema nervoso das tecnologias digitais é traduzido em sistema de informação (McLuhan 1975: 77). “By putting our physical bodies inside our extended nervous systems, by means of electric media, we set up a dynamic by which all previous technologies that are mere extensions of hands and feet and teeth and bodily heat — controls all such extensions of our bodies, including cities — will be translated into information systems” (McLuhan 1994: 57).

Corpo, dinheiro e sistemas informacionais

Tal como o corpo também o dinheiro como uma vasta metáfora social é traduzido em sistema de informação. As sociedades mais desenvolvidas passaram a lidar com o dinheiro informatizado que depende de organismos mais complexos e abstratos, como as instituições financeiras que atuam com a cotação e o mercado de ações. As menos desenvolvidas ainda resguardam a relação de troca na qual um produto pode ser negociado por outro, dando lugar como é de costume à pechincha que necessita de um embate face a face. A cidade da era eletrônica é menos sujeita deste embate presencial, e como um sistema nervoso se descentraliza e sofre mutações instantâneas.

A obsolescência do sistema atual do dinheiro ocorrida pela possibilidade de veiculação da informação eletrônica faz com que McLuhan prognostique vivermos já em uma sociedade tribal, de nômades a sedentários e de sedentários retornamos a nômades agora conectados globalmente via computadores. “After three thousand years of specialist

explosion and of increasing specialism and alienation in the technological extensions of our bodies, our world has become compressional by dramatic reversal. As electrically contracted, the globe is no more than a village. Electric speed in bringing all social and political functions together in a sudden implosion has heightened human awareness of responsibility to an intense degree” (ibidem: 5).

Estaríamos retornando a uma relação tribal com a contração do espaço, interconectado pela velocidade de circulação da informação que a faz surgir simultaneamente em pontos distantes, o que afetou profundamente a produção.

Retornando ao que chamamos de cidade-dispositivo que tem suas amarras no conceito de máquina social de Deleuze e Guattari, vemos que para McLuhan a cidade é uma tecnologia criada como um organismo social, um mecanismo de retroalimentação mútua entre ser e máquina social. Acoplamento, retroalimentação, interdependência são termos totalmente ligados à segunda cibernética que se oporia à primeira dos servos mecânicos. “Anybody who begins to examine the pattern as of automation finds that perfecting the individual machine by making it automatic involves ‘feedback’. That means introducing an information loop or circuit, where before there had been merely a one-way flow or mechanical sequence. Feedback is the end of linearity that came into the Western world with the alphabet and the continuous forms of Euclidean space. Feedback or dialogue between the mechanism and its environment brings a further weaving of individual machines into a galaxy of such machines throughout the entire plant” (ibidem: 354). Esta retroalimentação e diálogo entre o mecanismo homem-máquina e seu ambiente é necessária para podermos alcançar a dimensão que Flusser dá à cidade como um dispositivo de intersubjetividades.

Os entrelaçamentos entre McLuhan e Flusser

Os entrelaçamentos entre McLuhan e Flusser são muitos. Ouvimos “einen Wellental in der Bilderflut” de Flusser como uma ressonância de “a further weaving of individual machines into a galaxy” de McLuhan. Ambos os autores refletiram sobre as duas grandes rupturas que modelam a maneira pela qual nos organizamos mentalmente: a linearidade da escrita e o ambiente midiático informacional criado pelo aparecimento dos computadores que alteraram a produção e as relações monetárias, sociais e afetivas. Mais

do que apontar para a ruptura de subjetividades sofrida pelo ser inserido na linearidade da escrita quando defrontado diante dos mídias que produzem uma subjetividade diferenciada, o que a reflexão destes dois autores traz de relevante é a necessidade de entendimento desta nova urbanidade que está sendo construída pela cultura eletrônica e que nos transforma em um mundo conectado e codificado em outras modalidades sensoriais que não a visual linear.

McLuhan descreve como nos transformamos em seres visuais acostumados à seqüencialidade linear da escrita ao sermos introduzidos aos códigos fonéticos quando éramos habituados à tradição oral. Para ele a influência da escrita causou o individualismo e o nacionalismo. “Print created individualism and nationalism in the sixteen century” (ibidem: 19-20). E ainda “The development of writing and the visual organization of life made possible the Discovery of individualism, introspection and so on” (ibidem: 45). A tecnologia dos meios eletrônicos causou ruptura de igual porte se comparada à ocorrida pela introdução da escrita. “The phonetic alphabet has no rival, however, as a translator of man out of the closed tribal echochamber into the neutral visual world of lineal organization. [...] Yet the speed-up of the electronic age is as disrupting for literate, lineal, and Western man as the Roman paper routes were for tribal villagers” (ibidem: 92).

O fato de pertencermos a um universo preponderantemente organizado por padrões visuais faz com que outros sentidos sejam atrofiados. Todavia a revolução causada pelos sistemas de informação eletrônica, que criou um novo meio-ambiente, aguçaria outros sentidos até então embotados pelo visão linear (McLuhan 1968: 24-25).

Para McLuhan o ambiente artificial que criamos atua em nós como o laboratório controlado do fisiologista russo Pavlov do início do século XX. Pavlov conduziu experimentos sobre os reflexos condicionados com cães (ibidem: 65). O experimento de Pavlov consistia em acender uma luz na hora em que os cães se alimentavam. Depois de um tempo de condicionamento, os cães salivavam logo após o estímulo luminoso independentemente de o alimento ser oferecido. Sua experiência pode ser repetida mesmo quando a luz foi substituída por um som ou estímulo elétrico na pele desde que constantes, sempre na mesma hora e com a mesma intensidade. Os cães não salivavam se qualquer mudança fosse inserida no tom do som ou na intensidade do choque ou na coloração da luz. O experimento evidenciou segundo McLuhan a relação dos reflexos condicionados a ambientes controlados. “The portentous Discovery he made was that

any controlled environment, any man made environment, is a conditioner that creates non-perceptive somnambulists” (ibidem: 71).

A descrição de McLuhan sobre a atuação dos mídia como vimos não é apenas positiva. Segundo ele o ambiente artificial de nossa sociedade eletrônica é vivido como uma auto-amputação. A dor sentida como *referred pain*, dor fantasmática, que é a dor localizada no membro já amputado, ocorre também quando somos privados da aclimatização atmosférica, da eletricidade, da televisão, do computador e hoje da conectividade dos celulares.

“The computer is a much more sophisticated extension of the central nervous system than ordinary electric relays and circuits. When people live in an environment of such circuitry and feed-back, carrying much greater quantities of information than any previous social scene, they develop something akin to what medical men call ‘referred pain’. The impulse to get ‘turn-on’ is a simple Pavlovian reflex felt by human beings in an environment of electric information. Such an environment is itself a phenomenon of self-amputation. Every new technological innovation is a literal amputation of ourselves in order that it may be amplified and manipulated for social power and action” (ibidem: 73).

Ainda, a artificialidade do meio ambiente e as jornadas de trabalho transformadas em diurnas, junto ao fato de a educação ser usada como guerra, todos estes componentes estimulariam para McLuhan o sentimento de frustração e vazio, a impulsiva violência e o consumo de drogas. Cada nova tecnologia de comunicação ditaria uma nova forma de guerra. A primeira Grande Guerra foi a guerra das redes ferroviárias e a segunda a do rádio. Na previsão de McLuhan a terceira seria a da televisão, que igualaria os civis aos militares, todos participantes da guerra (ibidem: 132-134). Este prenúncio não estava de todo errado, pois sabemos ter sido a guerra do Golfo referida por muitos autores como um espetáculo midiático³.

O estatuto da imagem para Flusser

Antes de voltarmos a pensar sobre a topografia desta nova urbanidade descrita por Flusser é preciso entender qual o estatuto da imagem para o autor. Para Flusser também é central a ruptura causada pela passagem da tradição oral à da escrita. Entretanto se para

³ Subirats foi um deles. Subirats, Eduardo. A guerra como obra de arte, in: Subirats, Eduardo (1993), *Vanguarda, Mídia, Metrôpoles*, São Paulo, Studio Nobel.

McLuhan estaríamos voltando a uma condição tribal que aguçaria outros sentidos, de acordo com Flusser somos impossibilitados de vivermos a imagem de maneira original, de neutralizarmos os séculos da tradição livresca e podermos resgatar o estatuto mágico da imagem das pictogramas das cavernas. Segundo Flusser somos incapazes de experienciar as imagens como os homens pré-históricos as experienciaram em Lascaux, pois as imagens técnicas mudaram nossa consciência de texto e de imagem desde que as imagens não traduzem diretamente o mundo fenomênico, e os textos também não nos transportam mais a essas imagens primeiras (Flusser1998: 161).

Em *Kommunikologie* Flusser (1998) desenvolve centralmente o conceito de “imagens técnicas”, “*Technobilder*”, e que tipo de imaginário as imagens técnicas produzem. Neste livro Flusser descreve a passagem da etapa mágica, dos primeiros pictogramas quando a imagem é que representava o mundo, para as fases resultantes de uma sociedade tecnológica que é a histórica do universo livresco, e a mais recente cultura dos “*Technobilder*”. *Technobilder* são imagens carregadas do conceito textual que as precede: “Aber die Definition soll auch zeigen, daß die Spezifität der ‘Technobilder’ weder in der Methode zu suchen ist, mit der sie erzeugt werden (durch Apparate), noch in dem Material, aus dem sie gemacht sind (zum Beispiel Kathodenröhren), noch in ihrer Struktur (zum Beispiel, daß manche abrollen), sondern in ihrer Bedeutung⁴” (ibidem: 139-140).

Dessa forma Flusser assinala a existência de dois tipos de instrumentos codificadores: os conceituais e os tecnológicos, que se interpõem em nossa relação de mundo. O que resulta dos aparatos mecânicos e eletrônicos são imagens técnicas que continuam a nos subordinar a um mundo codificado linearmente enquanto permanecer invisível a imbricação entre texto e *Technobilder*, imagens tecnicistas. A fotografia é o exemplo de Flusser para demonstrar o processo das interfaces tecnológicas e conceituais que se interpõem no processo de observação. Um suporte coberto de símbolos que representam textos lineares (ibidem: 139), que é uma transposição que nos remete antes a conceitos por ser resultante da câmera fotográfica.

⁴ “Mas a definição deve também mostrar que a especificidade das ‘imagens técnicas’ não deve ser buscada no método, pelo qual são processadas (pelo aparato), nem no material, com o qual são produzidas (por exemplo por ondas eletromagnéticas), nem em sua estrutura (por exemplo, como são transportadas), mas em seu significado”. Tradução livre da autora.

A princípio o termo *Technobilder* poderia ser traduzido por imagens maquinicas, próximo do conceito de Guattari de “*image machine*” (1996)⁵. Mas o conceito de Flusser abrange imagens que não foram processadas por nenhum aparato mecânico mas sim tecnológico, por exemplo, os gráficos e as imagens que tiveram uma origem nos textos, no código linear como o alfabético, os quais, por sua vez, traduzem as representações gráficas do mundo fenomênico.

Comparando as imagens das cavernas com as da Renascença, Flusser conclui que as dos pintores florentinos se baseavam em cenas bíblicas, que por sua vez já eram impregnadas pelo texto escrito. As imagens históricas, aquelas que nasceram da reflexão do texto e não do confronto com o mundo fenomenológico, são decifradas mediante a aquisição do código e do conhecimento da história. As pré-históricas eram elaboradas por diferentes métodos conforme a conveniência e alcance de cada um. Nossa convivência com as imagens tecnicistas, *Technobilder* — que são aquelas obtidas através dos dispositivos mecânicos e também aquelas que derivam da tecnologia do texto escrito, pois a escrita é considerada uma tecnologia tanto para McLuhan como para Flusser — faz com que assumamos o ponto de vista do aparato seja olhando as pinturas de Lascaux, seja admirando as pinturas da Renascença (Flusser 1999a: 72). Tanto olhando as pinturas de Lascaux ou admirando as pinturas da Renascença nos transportamos para o exercício do fotógrafo, exemplarmente comentado por Arlindo Machado (2001) em seu texto “Repensando Flusser e as imagens técnicas” (que se refere ao pensamento teórico desenvolvido por Flusser em seu livro *Filosofia da caixa preta*). O exercício do fotógrafo nos obriga a avaliarmos subjetivamente qual a melhor tradução e enquadramento do mundo fenomênico sob o prisma da interface das objetivas e câmeras, marcadas por sua vez pela racionalidade daquele que as projetou.

Uma nova urbanidade?

Retornando à complexidade da topologia da nova cidade, os modelos antigos de cidade segundo Flusser não consideraram suficientemente em seu planejamento a vocação das

⁵ “Da produção de subjetividade” que foi traduzido para o português por Suely Rolnik foi enviado por Guattari ao Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares para integrar a publicação, que não ocorreu, de um número da revista *34 Letras* sobre o tema da Pós-Modernidade. O texto foi editado pela primeira vez na revista *Chimère-Revue des Schizoanalyses* (n. 4, 1987/1988, pp. 27-44), e reeditado como “Liminar” no livro de Guattari, Félix (1989), *Cartographies Schizoanalytiques*, Paris, Galilée, pp. 9-25.

idades à conectividade, pois foram influenciados pelo tipo de mentalidade da organização linear da escrita. A cidade deve ser entendida como a oscilação sinuosa de um campo imaterial (virtual), modulável pelos fluxos de conhecimento formados pelos encontros de pessoas, e não pela representação de objetos ou de um lugar geográfico. Como nos lembra McLuhan, o que a cidade armazena com o advento da eletricidade e depois com o da computação não é de natureza material: “In the case of electricity, it is not corporeal substance that is stored or moved, but perception and information” (McLuhan 1994: 351). O campo desta nova urbanidade para Flusser é definido mais pela atração gravitacional das intersubjetividades (Flusser 1999b: 178) e menos pela acumulação do entrelaçamento dos cabos elétricos (mesmo porque estes seriam hoje arcaicos se pensarmos na tecnologia *wireless* e nas redes virais). Os paradigmas para se entender esta nova urbanidade – que poderia ser visualizada através da linguagem dos algoritmos num modelo topográfico – são abstratos e complexos.

Esta nova urbanidade ao invés da nucleação de indivíduos cria correntes mais ou menos espessas de informação, pois Flusser considera o ser humano como um feixe pelo qual a informação flui. “Körper sind Verknotungen der vier Kräftefelder” (Flusser 1999b: 178). Mesmo significado adquire o ser quando inserido em um sistema informacional para McLuhan: “With electricity as energizer and synchronizer, all aspects of production, consumption, and organization become incidental to communications. The very idea of communication as interplay is inherent in the electrical, which combines both energy and information in its intensive manifold” (ibidem: 354).

A imagem de aglomerados de pessoas para Flusser pode ser interpretada como nós de relações interpessoais, como canais pelos quais as emoções, informações e propósitos fluem. Mas a experiência desta nova urbanidade exige um espírito de não-localidade e o abandono da antinomia “eu” e “você” substituído pelos “nós”⁶ como esses pontos instáveis da cidade-rede que adquirem concretude pela frequência e pela densidade dos encontros. Flusser considera sua visão da cidade, antropológica, um “campo de relações intersubjetivas”, no qual são compartilhadas imagens visionárias, sentimentos, novos conhecimentos, objetos de intenção (Apud Araujo 2001). Aí reside o utópico prognóstico de Flusser sobre a cidade: é necessário se despir do invólucro que o “self” nos impõe, expresso por McLuhan como o individualismo criado pela tecnologia da escrita, e nos

⁶ “Nós” usado aqui nos dois sentidos em português: primeira pessoa do plural; entrecruzamento de duas ou mais linhas.

abrirmos a novas formas de subjetivação. Assim na nova urbanidade a Política seria o exercício das intersubjetividades como uma forma de arte, como também o seriam todas as disciplinas criativas das Ciências.

Estávamos segundo Flusser acostumados até então com a descrição da cidade como a inter-relação entre três espaços: o privado, o público e o religioso. Não há segundo o autor mais a distinção entre os espaços privado e público. O espaço privado foi invadido pelos cabos e aparatos televisivos e de telecomunicação que levam as imagens do mundo exterior para o interior dos lares e do interior dos lares para o espaço público. Mais recentemente, acrescentaríamos, pelas *webcams* que misturam as esferas privada e pública. Os meios dialógicos como o telefone e a Internet abriram novas perspectivas para a interação se comparados às dos meios mais antigos como o jornal, o rádio e a televisão, todos estes meios de comunicação centralizadores que propagam uma mesma informação para vários pontos. Os espaços externos como os pátios das igrejas, do mercado público, e da praça, que antes propiciavam os encontros e o exercício político dos cidadãos, passaram a ser insignificantes diante dos fóruns telemáticos da Internet. A Internet como uma comunicação dialógica propicia encontros sociais antes não imagináveis, e cria uma cultura baseada na troca de informações e de conhecimentos (Araujo 2001). A cidade-rede é formada pelos encontros, que são capazes de sintetizar novos conhecimentos e formar feixes como nós que atuam como sítios públicos, mas que são temporários e moveiços pois se coadunam pela atração mútua que exercem. A produção de conhecimento circunscrita no passado a um local fixo, ou delimitada por questões temporais, que migrou das igrejas e das escolas para outros centros comunitários como os espaços das práticas de esporte, das discotecas e dos Clubs como o Mediterrané citados por Flusser, foi mais recentemente abrigada nos nichos eletrônicos do ciberespaço dos espaços multiusuário de chat, videostreaming e dos games, nichos diariamente reinventados pela tecnologia móvel.

As limitações que Flusser incorre são decorrentes do fato de ele também ter de buscar exemplos em modelos de sua época que não acompanham o prenúncio de sua nova urbanidade. Sua topografia da cidade como o vale de ondulações de imagens, muito próxima do ciberespaço, certamente teria de incluir o internauta como um dos protagonistas da nova cidade que ele descreveu como sendo os consumidores que ocuparam o lugar dos burgueses que substituíram os filósofos e os doutores da igreja da

cidade do passado. Poderíamos pensar *Die Stadt als Wellental in der Bilderflut* como uma proposição aberta a colaborações de atualização da questão formulada por McLuhan? “If the work of the city is the remaking or translating of man into a more suitable form than his nomadic ancestors achieved, then might not our current translation of our entire lives into the spiritual form of information seem to make of the entire globe, and of the human family, a single consciousness?” (McLuhan 1994: 61).

Certamente esta atualização teria de ser realimentada pelos formatos e maneiras de contágio das novas redes. Porque habitamos afetivamente lugares, e não espaços, que podem ser formados pelas novas redes como os da Internet. Embora este artigo pudesse aprofundar ainda muitos dos pontos apenas tocados tangencialmente, como por exemplo o nomadismo apontado por McLuhan e Flusser, e as categorias de Flusser das diferentes imagens, pré-históricas, históricas, técnicas (tecno-imagens) e sintéticas, para não perder de vista a fluidez da topologia complexa da cidade-rede e da cidade-dispositivo e suas transformações, para as quais a localização do ser é insignificante, gostaria de finalizar parafraseando a música popular brasileira de Caetano Veloso: “A minha casa fica lá de trás do mundo, onde vou em um segundo quando começo a cantar. O pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar”.

Referências bibliográficas

- Araujo, Yara Rondon Guasque (2005). *Telepresença: interação e interfaces*, São Paulo: Educ/Fapesp.
- Araujo, Yara Rondon Guasque (2001). *Arte é encontro. Encontro e conhecimento na Internet*. Texto escrito entre dezembro de 2000 e janeiro de 2001 publicado online em <http://www.file.org.br/file2001a/telecom.htm>.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix (1985), *Anti-Edípus: Capitalism and Schizophrenia*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Flusser, Vilém (1999a), ‘Bilderstatus’, in: Flusser, Vilém, *Medienkultur*, Frankfurt am Main: Fischer, p. 69-82.
- Flusser, Vilém (1999b), ‘Die Stadt als Wellental in der Bilderflut’, in: Flusser, Vilém, *Medienkultur*, Frankfurt am Main: Fischer, p. 175-82.
- Flusser, Vilém (1998). *Kommunikologie*. Frankfurt am Main: Fischer.
- Guattari, Félix (1996). ‘Da produção da subjetividade’, trad. Suely Rolnik. In Parente, André, *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 177-191.
- Machado, Arlindo (2001). ‘Repensando Flusser e as imagens técnicas’, in: Machado, Arlindo, *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*, Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, p. 34-55.
- McLuhan, Marshall (1975). *Os meios de comunicação como extensões do homem* (Understanding Media), trad. Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix.
- McLuhan, Marshall (1994). *Understanding Media*, Massachusetts: MIT Press.
- McLuhan, Marshall / Fiore, Quentin (1968). *War and Peace in the Global Village*. New York, London, Toronto: Bantam Books.
- McLuhan, Marshall/ Fiore, Quentin (2001). *The Medium is the Massage. An Inventory of Effects*. Corte Madera: Ginko Press.
- Subirats, Eduardo (1993). ‘A guerra como obra de arte’, in: Subirats, Eduardo, *Vanguarda, Mídia, Metrópoles*, São Paulo: Studio Nobel.